

REGINA CORREIA

**Brev(E)idade | Namib | Redesenhar o verso |
As mãos de quem ama | Não sou afluente desse rio |
Também morri no Cunene**

Brev(E)idade

No deserto (re)entro no (meu) tempo.
Acompanho a lentidão da girafa
que busca em oásis decifrado num
rio seco seu último alimento.

Só aqui sabemos de eternidade
nos espinhos mais altos das acácias
que respiram a medida dos ventos
do presente na sua brev(e)idade.

E nossos pés e cascos reconhecem
berço no atrito leve das areias.

Tatuado em nosso olhar o ritmo
transluzente de outras galileias.

Namib

I
Ainda a terra não era mundo, já
nosso corpo serpenteava ao lado
do olongo, por chuva que não vinha.

Assobiavam cruzados os ventos
sobre rocha, rios, vales, montanhas,
sobre altas dunas e orla marinha.

Aconchegado em veias milenares,
das tamargueiras avançando firme
namoro eterno de mar e deserto.

Do Cunene ao milagre Welwitschia,
entre lendas, mitos da terra seca,
remoto alvoroço a céu aberto

perpetuando nos trilhos de ouro
cada pegada em lugar impossível
de um caldeirão pátrio escorregadio.

Não por essa itinerância da vida
no meio do nada onde os insectos
calculam sol, noites e contrafio.
Sinais outros mordiscam os “anéis de
fada” no uivo dos ventos que turvam
as águas intermitentes para sul.

Rasteje cobra, corra lagarto por
ferventes areias, antes que a zebra
palmilhe as encostas bem longe do azul.

Redesenhar o verso

queria sim redesenhar o
verso num vagar de folha
pendendo sobre veios
desarrumados na crosta
vítrea dos lagos inverniais

descarnar cada palavra
retalhada em cima do cansaço
quanto saborear-lhes
matéria divina na
ilusão estalando prodígios ao
ritmo de insónias
tresloucadas

colher a uva em seu altar de
deuses clementes
ínvia consolação no
purgatório anterior a
qualquer amanhã luciferino

aconchegar-me nua às
lembranças consentidas no
poema que é apenas
consumação do desastre sem
barreiras de contenção

As mãos de quem ama

Fecha-se a rosa sobre seu coração
tingido de sangue. Fosse Afrodite
correndo por Adónis em segredo
guardado nos espinhos do deserto.
Aperfeiçoadas mãos de quem ama.

Rodam devagar os olhos sobre as
flores, outrora, da cor do algodão.
E uns braços feridos abrem-se ao
viço-raiz do cristal de areia
que rasga terra morta e a inflama.

Purifica-se o mundo agonizante.
Bailam incensos na espuma do mar,
expiados pragas e medos. Em vez
de atoleiros, assuntam esteios
rendidos à face ígnea da paixão.

Do lodo nem encurtada lembrança.
Anjos de ouro cumprem travessias
ungidas por tácitas virtudes no
breve respirar de ficções bravias.
Abre-se a rosa num altar-tentação.

Não sou afluyente desse rio

Não sou afluyente desse rio.

Sempre na estranheza dos mundos vi
secar as fontes. Respiração adiada
quando da janela sobre a nascente não
ouvia o clamor secreto das esperas.

Mesmo a exaltação selvagem da
terra sonhadora onde os frutos
sabiam a murmúrio de água no
coração da estiagem encharcava de
impossível o arco da benquerença.

E de lua em lua fomos sepultando as
açucenas em flor tão perto do êxtase!

Também morri no Cunene

Do ventre rasgado da terra sangram
veios de morte no bafo da seca.

Desmesurada tragédia aos olhos
desligados do mundo. Sem pasto no
estômago nem a avestruz engole
pedras. Agoirenta romaria de
meninos por água na poeira do
nada. Somente cansaço. E estertor.

Ao beijo inclemente de turbulências
repousam esqueletos emoldurando
chão martirizado. Que é das águas
do rio? E das da última chuva?

Flagelo crónico em carreiros de
transumância cruel para gentes e
gado. Eu também morri no Cunene.

NOTA BIOGRÁFICA

Maria Regina Fernandes Correia (Viseu, 1951), luso-angolana, é licenciada em Filologia Germânica, pela Faculdade de Letras de Lisboa. Foi professora do ensino secundário em Angola, em Portugal e na Alemanha. Tem coordenado eventos culturais ligados a instituições cabo-verdianas. Além de integrar antologias poéticas e de ficção, em Portugal e no Brasil onde foi premiada, é autora de cinco obras, entre ficção e poesia, desde 1999. É membro da Associação Portuguesa de Escritores (APE).